



UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO

**A CRIANÇA LEITORA NAS OBRAS LITERÁRIAS DE MONTEIRO LOBATO:
UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA**

THIAGO SOUZA BASTOS

Rio de Janeiro
2021

THIAGO SOUZA BASTOS

**A CRIANÇA LEITORA NAS OBRAS LITERÁRIAS DE MONTEIRO LOBATO :
UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA**

Trabalho apresentado como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Castelo Branco. Orientado pela Professora Dr^a. Patrícia Flávia.

Rio De Janeiro
2021

THIAGO SOUZA BASTOS

**A CRIANÇA LEITORA NAS OBRAS LITERÁRIAS DE MONTEIRO LOBATO:
UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA**

Rio de Janeiro,.....de.....de.....

Trabalho apresentado como requisito para
conclusão do Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Castelo
Branco. Orientado pela Professora
Patrícia Flávia

Trabalho aprovado com nota

Orientador(a).....

Avaliador(a)

Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui, e por ter me dado forças para continuar, pois muita das vezes pensei em desistir.

Aos meus pais, Gisele e Sérgio, meu irmão Johnny, meu namorado Gabriel Azevedo por nunca ter desistido de mim, e sempre me apoiar em todas as situações.

Não poderia esquecer dos meus amigos que me ajudaram nesta caminhada, principalmente da minha amiga Elisa Coutinho, Raquel Nunes, Eduardo Madeiros, Ana Maria e minha coordenadora Luana Soares e Fernanda Valentino.

A minha orientadora Patrícia Motta que esteve comigo nesta caminhada, me dando todo suporte e orientação neste semestre.

E toda equipe docente da Castelo Branco que agregaram tanto conhecimento em minha trajetória.

RESUMO

Nesta pesquisa entraremos no mundo mágico do Sítio do Pica Pau Amarelo, com o objetivo de analisar algumas obras lobateanas que fizeram parte de um contexto histórico muito diferente dos dias de hoje. Várias falas ditas por alguns personagens causariam estranheza e gerariam alguns conflitos. Não é intenção nossa acusar o escritor Monteiro Lobato de racista, mas sim, refletir sobre vários termos proferidos pela boneca de pano Emília a Tia Nastácia.

Palavras Chave: Linguagem Antirracista, Termos Pejorativos, Estranheza das crianças, Preconceito, Educação Antirracista.

ABSTRACT

In this research, we will enter in the magical world of Sítio do Pica Pau Amarelo, with the aim of analyze some works lobateanas that were part of a historical context very different from today. Several lines said by some characters would cause strangeness and generate some conflicts. It isn't our intention to accuse the writer Monteiro Lobato of being a racist, but to reflect on various terms given by the rag doll Emília to Tina Nastácia.

Keywords: Anti-racist language, Pejorative Terms, Children's strangeness, Prejudice, Anti-racist education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O PROBLEMA	9
1.1 JUSTIFICATIVA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Geral	9
1.2.2 Específicos	9
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO	10
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	11
2.1 TIPO DE PESQUISA	11
2.2 COLETA DOS DADOS	11
3. REVISÃO DA LITERATURA	13
3.1 DA ESCRAVIDÃO A CONTEMPORANEIDADE	13
3.2 DIÁSPORA	13
3.3 UMA SOCIEDADE JUSTA E IGUALITÁRIA	16
3.4 LINGUAGEM ANTIRRACISTA	17
3.5 POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	18
4. MEMÓRIAS DA BONECA DE PANO	20
4.1 EMÍLIA E SUAS MEMÓRIAS	20
4.2 TERMOS PEJORATIVOS VOLTADOS A TIA NASTÁCIA	24
5. HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA	28
5.1 HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA.....	28
5.2 ESTRANHEZA DAS CRIANÇAS.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7. REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste numa perspectiva multiculturalista que trata do movimento social e contesta preconceitos e discriminações direcionadas a indivíduos e grupos, o que tenciona analisar as obras lobateanas, do autor Monteiro Lobato. Tratando-se de não fazer uma crítica, nem acusá-lo de ser racista ou não, mas sim, refletir as falas que foram abordadas no decorrer dos livros diante do contexto sócio-histórico da época, pela boneca de pano Emília, que é uma das principais personagens da obra infantil de Lobato. Trazendo a realidade do Brasil naquele período de resquício da escravidão, usando humor e ironia no perpassar do desfecho do livro.

Portanto, a pesquisa levanta a hipótese de que as crianças de hoje, que leem as histórias de Monteiro Lobato, sobretudo ao tratamento de Emília em relação a Tia Nastácia, conseguirão detectar uma linguagem preconceituosa. Essa pesquisa é relevante porque aborda a partir do exposto acima a desconstrução desse tipo de linguagem sob o viés da perspectiva antirracista. Como podemos averiguar abaixo a citação de um trecho do livro Memórias de Emília.

[...] só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e preste a nascer preta como carvão. É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás, também são pretos e isso me leva a crer que a cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. (LOBATO, 1936, p.110).

A fala acima foi proferida pela boneca Emília, uma das principais personagens de Monteiro Lobato. Embora seja uma boneca recheada de pano e macela, com o passar do tempo, acabou virando ser humano, através do mundo mágico do Sítio do Pica Pau Amarelo. Mesmo sendo sabida, e independente como a mesma se define, percebe-se que a personagem trata a Tia Nastácia com trechos preconceituosos, sempre se referindo a sua cor negra retinta.

A discussão do contexto sócio-histórico dos clássicos de Lobato possibilita mostrar a criança leitora que naquela época tudo era comum. Podendo - se discutir a linguagem racista e a formação histórica brasileira nos tratos sociais com diferentes etnias raciais de acordo com o tempo.

1. O PROBLEMA

Por que as obras lobateanas apresentam expressões pejorativas direcionadas a Tia Nastácia, e que elementos as motivaram?

1. JUSTIFICATIVA

A importância desta pesquisa está ligada à possibilidade de apontar e levantar questões relacionadas às obras lobateanas do autor Monteiro Lobato. Trazendo narrativas racistas que jamais deveriam ter imaginado que poderiam influenciar jovens e crianças das décadas futuras. Contribuindo para reconhecer que as obras utilizavam termos que um dia foram usados com normalidade e naturalidade, e que nos dias atuais, são considerados ofensas, injúrias e, até mesmo, crimes.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Analisar algumas obras lobateanas em que apresentam, que apresentam termos que faziam parte do vocabulário pejorativo voltado ao negro após a escravidão, e que estavam presentes no contexto histórico da época.

1.2.2 Específicos

- Conhecer a linguagem antirracista numa sociedade contemporânea;
- Discutir os termos utilizados na obras de Monteiro Lobato;
- Verificar as consequências que poderiam trazer para as crianças que leem essas obras nos dias de hoje.

1. QUESTÕES DE ESTUDO

A pesquisa deverá abordar as seguintes questões:

- a) Causaria estranheza as crianças que leem as obras de Monteiro Lobato?
- b) Por que as obras lobatenas apresentam termos pejorativos voltados ao negro?
- c) Por que precisamos investir numa educação antirracista?

2.METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa tem como metodologia o paradigma qualitativo, pois interpreta os termos utilizados por um personagem de forma subjetiva. Além do mais, gera ideias e questões, e o pesquisador faz observações e participa do processo do desenvolvimento do objeto pesquisado.

1. TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa quanto a natureza é básica, porque não apresenta uma finalidade imediata. Quanto aos objetivos é descritiva, pois reflete e interpreta um fenômeno. Em relação aos meios é uma pesquisa bibliográfica, dada a análise de livros de Monteiro Lobato e textos científicos que abordam o tema.

Quanto à abordagem do problema de pesquisa, ela é qualitativa, pois apresenta uma postura subjetiva em relação ao problema de pesquisa. Em relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, uma vez que descreve as características de determinado fenômeno. Quanto aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica, que foi realizada a partir de um referencial teórico que nos ajuda a compreender o fenômeno.

2. COLETA DOS DADOS

Analisaremos algumas obras do autor Monteiro Lobato com a finalidade de descrever a problemática apresentada diante de uma concepção antirracista. Percebemos em nossa análise que as obras literárias retratam trechos racistas. Como observado no trecho:

[...] só não compreendo porque Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que a jabuticaba, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que a cor preta é uma coisa que só Deus desmerece as pessoas aqui neste mundo. (Lobato, 1936, p.110)

De acordo com a metodologia de pesquisa descrita acima, procuramos analisar os dados coletados e descrever como as obras literárias lobateanas apresentam no decorrer das falas de alguns personagens os termos racistas. Tal qual o exposto em:

[...] Faz - se necessário um recorte metodológico que visualize essas histórias de vida de forma sistêmica com a institucionalidade, identificando as

formas de regulação da sociedade (o racismo entre elas) e como os antigos sujeito da escravidão e seus descendentes e movem-se provocaram os movimento desse arcabouço institucional. (CUNHA, 2004, p.175)

Como explicitado acima, o procedimento adotado nos remete a uma pesquisa bibliográfica, pois apresenta o auxílio de Livros, Artigos Científicos, Google Books e Monografias. Segundo Guimarães (2003):

Justamente por estarem nesse terreno conflituoso é que as adaptações colocam questões de interesse, tais como: a apropriação e ressignificação de produtos culturais do passado pelos meios de comunicação de massa, projetando-os para diferentes públicos e atribuindo-lhe novas significações e sentidos. (2003, p.110)

A primeira fase de coleta de materiais de leitura se deu no período entre os meses de Agosto a Outubro do ano de 2021. Os dados de análise deste estudo serão coletados on-line por meio de bibliografia garimpadas em sites confiáveis, como revistas científicas compostas de artigos, dissertações e teses, assim como, em bibliotecas virtuais, como Pearson e Scielo, na busca de livros que tratem da temática do presente trabalho.

3.REVISÃO DA LITERATURA

3.1 DA ESCRAVIDÃO A CONTEMPORANEIDADE

3.2 DIÁSPORA

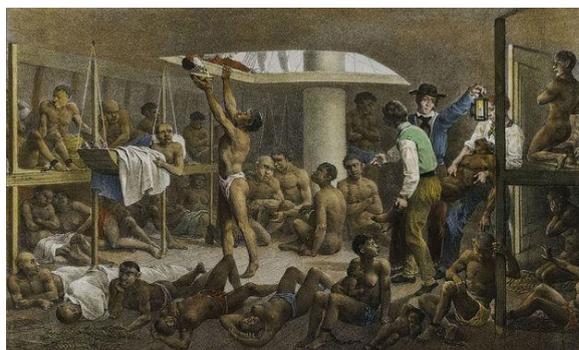
É notório saber que antes do Brasil ser um país, ele foi colonizado por Portugal durante 300 anos. Durante essa trajetória, o país sofreu com a escravidão, tanto indígena, quanta africana. Os responsáveis pelo tráfico negreiro no Brasil trouxeram mais de 3 milhões de africanos durante séculos de escravidão. Ainda assim, em grande parte a essa migração compulsória (diáspora africana), o Brasil tem atualmente uma das maiores populações de afrodescendentes do mundo.

Conforme exposto por Thorton (2008):

O fato é que o número anual de escravos exportados aumentou de 4.500, em 1600, para 8.000, em 1650, e para 11.000, em 1700. Maior que esses números somente os da Costa dos Escravos que exportou, em 1700, cerca de 19.400 escravos, aumento atribuído por Thorton a uma expansão do comércio na região de Aladá, apesar dele não descartar a possibilidade de existir aí um problema de nomenclatura na identificação das regiões de origem dos navios negreiros, pois Guiné poderia se referir a qualquer região entre o Senegal e Angola (THORTON, 2008, p.177).

Depois de aprisionados em seu continente, os africanos eram acorrentados e marcados com ferro em brasa para a identificação. Conseqüentemente, eram vendidos aos comerciantes de escravos enviados para o Brasil, com o objetivo de trabalhar sem pagamento e sob ameaças.

Figura 1- Navio Negreiro



Fonte- <https://www.todamateria.com.br/navios-negreiros/2020>

Os navios negreiros saíam da África com grandes quantidades de escravos. Ocasionalmente possíveis revoltas durante as travessias, pelo fato de que o navio oferecia condições precárias aos indivíduos desse momento histórico, passando por más situações e subordinados a humilhações de seus senhores. Os traficantes acorrentavam os africanos nos porões do navio durante a longa exaustiva viagem, causando em si revoltas, e boa parte sem alimentação e uma higiene adequada. Devido a esses fatores de péssimas condições de transporte aos maus tratamentos a que eram submetidos, muitos africanos escravizados acabavam morrendo durante a viagem.

O rosto dos escravos eram as lágrimas, a tristeza, o sofrimento. O forte barulho do mar fazendo com que eles implorassem ainda mais ao Senhor do Mais- Além (Olorum) que ordenasse para que trouxesse Obaluaê (orixá das pestes, da varíola, das doenças contagiosas), Nanã e Oxumarê (orixá do arco-íris) que era conhecido como o rei do oceano (SAILLANT, 2009, p.126)

Os principais grupos africanos trazidos para o Brasil foram os Bantos da Angola, Congo e Sudanese originários de Benin, Nigéria e Guiné. Ao chegar ao Brasil, os africanos que sobreviviam à viagem nos navios negreiros eram vendidos. Geralmente no próprio porto em leilões.

Dessa maneira, eles eram selecionados pelos colonos de acordo com o trabalho que desempenhavam e o tempo de vida na Colônia, além de critérios principalmente relacionados a origem cultural e linguística. Os compradores evitavam adquirir indivíduos do mesmo grupo linguístico para dificultar a comunicação entre eles.

Os africanos não ficaram passivos em sua condição escrava, na verdade, eles procuravam formas de resistência, infelizmente, em muitos casos contra si mesmo. Algumas mulheres provocavam abortos para que seus filhos não fossem escravos, praticavam suicídios, fugas individuais e coletivas para a comunidade chamada quilombos. Com uma organização social própria, os escravos procuravam lugares de difícil acesso para fugir de seus "donos". Confrontos e divergências eram a realidade daquele contexto, pois se revelavam e agiam com violência contra senhores e feitores, paralisando atividades e incendiando plantações.

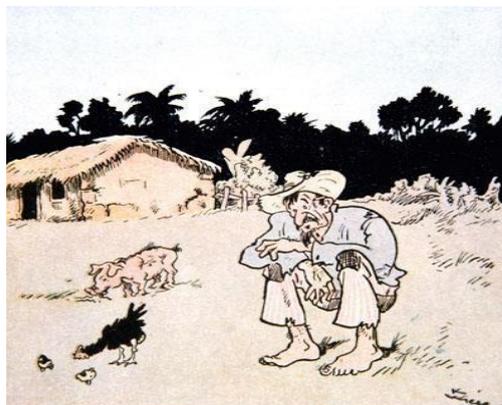
Com a abolição, os negros não tinham pra onde ir, já que a abolição só permitia deles serem “livres”, havendo falta do reparo histórico; e então começou o estigma que os negros não gostam de trabalhar. Dessa forma, a sociedade ainda mantinha o pensamento escravocrata e calavam a voz do negro, e assim, continuavam escravos de seus senhores, trabalhando no campo em troca apenas de comida em situações deploratórias.

Em uma obra de Monteiro Lobato, Jeca Tatu é uma personagem baseado no trabalhador rural. O mesmo aponta as doenças que atacavam o homem do campo naquele contexto, explicando os sintomas do amarelão e as medidas sanitárias de prevenção. Jeca, então se transforma em outro homem. Um trabalhador saudável e ativo. Dessa forma, o Jeca Tatu “preguiçoso” é visto como vítima do descaso das autoridades médicas.

Lobato relata essa personagem como um ser distenso, agregando um vazio existencial dentro de si.

Segundo o autor, é de grande importância compreender suas convicções, no que diz respeito ao homem do sertão e no que diz respeito às respectivas pragas que rodeiam o caboclo. A personagem Jeca Tatu é a representação do caboclo brasileiro. Em específico, representa os trabalhadores rurais, que tinham suas vidas esquecidas em prol de servir a seus patrões. Moravam em casas simples devido à “preguiça” que tinham, bem como devido à resistência que tinham qualquer mudança. (MARTINELLI, 2011, p.19)

Figura 1 - Jeca Tatu andava descalço, o que facilitava o contágio pelo verme causador do amarelão através da sola dos pés. Além disso, é possível ver sua pele pálida e amarelada, um dos sintomas da doença.



Fonte-<https://corujabiologa.wordpress.com/2017/01/24/e-o-que-tinha-o-jeca-tatu/>, 2017 para os colonizadores.

3.3 UMA SOCIEDADE JUSTA E IGUALITÁRIA

Na contemporaneidade, o racismo está relacionado ao capitalismo, entretanto, na Antiguidade, o racismo sempre foi uma realidade social e cultural. O fenótipo que determina a aparência do indivíduo resultante do meio e de seu conjunto de genes é como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações.

Para Robert Blauner (1972), observou em que “a análise racial pelos cientistas sociais tem sido moldada pelo pressuposto implícito de que a preocupação com a cor nas sociedades humanas é, em última instância, irracional ou não racional” (p.19)

Na atualidade, nota-se que o racismo é um sistema estrutural existente no Brasil, que vem desde a escravidão por ser o último país a abolir a escravidão. Por esse motivo, se forma o racismo estrutural, ocasionando a discriminação de raça como alvo de práticas conscientes e até mesmo casos inconscientes embutidos em nossa sociedade.

Consciente de que o racismo é parte da estrutura racial e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio otomaético e faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2018, p.40)

A deturpação histórica nesse contexto é a desigualdade estabelecida pela inferioridade que se perpetua há anos a partir do tráfico negreiro, desmotivando a vida dos descendentes escravizados até os dias atuais, como por exemplo a população indígena.

As populações indígenas são vistas pela sociedade brasileira ora de forma preconceituosa, ora de forma idealizada. O preconceito parte, muito mais, daqueles que convivem diretamente com os índios: as populações rurais. Dominadas política, ideológica e economicamente por elites municipais com fortes interesses nas terras dos índios e em seus recursos ambientais, tais como madeira e minérios, muitas vezes as populações rurais necessitam disputar as escassas oportunidades de sobrevivência em sua região com membros de sociedades indígenas que aí vivem. Por isso, utilizam estereótipos, chamando-os de “ladrões”, “traíçoeiros”, “preguiçosos”, “beberrões”, enfim, de tudo que possa desqualificá-los. Procuram justificar, dessa forma, todo tipo de ação contra os índios e a invasão de seus territórios. (NÓBREGA; FREIRE, 2008, p. 7)

Percebe-se que a desigualdade entre brancos e negros é um processo existente em nossa sociedade, infelizmente, ainda é vista como algo “normal”. Isso dificulta seu combate no âmbito educacional, saúde, moradia; evidenciando uma discrepância para a população negra.

3.4 LINGUAGEM ANTIRRACISTA

Ao longo dos anos, o movimento antirracista ganhou força na sociedade.. A aprovação de algumas leis contribuíram para combater os preconceitos raciais evidentes na sociedade. Políticas Públicas com uma série de etapas e regras, movimentos e ações relacionadas ao racismo também auxiliaram os antirracistas.. Diante disso, todas essas ações ainda não fizeram com que acabasse com a discriminação, no entanto, hoje podemos ver negros ocupando cargos que antes só eram ocupados por pessoas não negras.

“Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.” (Angela Davis)

Ao analisar a fala da filósofa americana Angela Davis, precisamos reconhecer que vivemos em uma sociedade racista, que se formou através de estruturas da sociedade e não apenas da questão individual. E a partir disso, que seremos capazes de discutir e admitir que vivemos num país racista.

O Brasil atual prossegue com ideias e práticas racistas, apropriadas e funcionais à reprodução do sistema capitalista, com seus traços gritantes de desigualdade de classe, que afetam majoritariamente e profundamente homens negros e mulheres negras. Para muitos/as, o racismo aqui é leve, pois não vigorou o apartheid. Nessa lógica, quando acontece, e se acontece, interpreta-se como fato isolado, um problema psicológico, um fenômeno ético de caráter individual[...] (MADEIRA; MEDEIROS, 2018, p.216).

Vemos que o racismo está relacionado a uma linguagem social presente em nossa sociedade. Nota-se palavras que são faladas pela sociedade, usando termos pejorativos voltado ao negro, tais como: “denegrir”, “mulata”, “buraco negro”, “criado mudo”, “mercado negro” e entre outros, sempre direcionando o adjetivo a palavra negro usado de forma negativa, trazendo consequências através de palavras e expressões. Essas expressões racistas são normalizadas e passam a circular no cotidiano. É notório que precisamos argumentar e rebater tudo isso ancorados numa

linguagem e educação antirracista.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018, p.25)

3.5 POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

É evidente reconhecer que a escola tem um papel fundamental na socialização e democratização dos estudantes, promovendo a construção moral e ética de seus alunos. Diante disso, vemos que o racismo está ligado ao processo ensino-aprendizagem, e o papel da escola é não torná-lo tabu, e sim, abordar diferentes grupos étnicos que formaram a população brasileira. Avaliando e valorizando não apenas as contribuições dos brancos, como dos afrodescendentes e indígenas, expondo assim as desigualdades estruturais que permanecem em nossa sociedade. Tanto os negros, quanto os indígenas continuam tendo um papel importante na nossa sociedade.

Para isso, propomos que se leve para o ambiente escolar diferentes estratégias de ensino-aprendizagem que demonstrem a importância da história negro-africana. Isso é importante para reconhecer que são valores culturais da nossa história, e geram ações que podem fazer parte do cotidiano na escola, como jogos de origem africana, discussões e roda de conversa, e sobretudo, é de extrema importância disseminar livros que coloquem os negros na posição de protagonista, tais como: Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado), O menino marrom (Ziraldo), Amoras (Emicida), A bonequinha preta (Alaíde Lisboa de Oliveira) e entre outros.

[...] o Programa de Ação do M.N.U. Entre as estratégias de luta, propunha-se uma mudança radical nos currículos, visando a eliminação de preconceitos e estereótipos em relação aos negros e a cultura afro-brasileira na formação de professores no intuito de comprometê-los no combate ao racismo na sala de aula. (GONÇALVES E SILVA, 2000, p.151)

É importante ressaltar que ganhamos uma conquista muito importante para a educação, com a criação da lei 11.645 de 2008, com o objetivo de adotar perspectiva mais democrática e diversa. Visando estabelecer a obrigatoriedade de conteúdos

sobre a história africana e indígenas nos Currículos da Educação Básica. Matilde Ribeiro afirmou:

(...) o objetivo desses atos é promover alterações positivas na realidade de vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa, igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo. (BRASIL, 2004, p.8).

A educação antirracista envolve um conjunto de ações que permitem resolver conflitos motivados por questões raciais. Além disso, com a revisão do currículo, garante-se a pluriversalidade, além de ser uma ferramenta de luta contra a discriminação e o preconceito. Tudo isso, alicerçado na lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º A-Lei nº 9:394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes arts.26-A,79-A e79-B:

"Art. 26 - A...Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.(BRASIL, 2003)

Pelo fato do alto índice de desigualdades raciais, em 2003, o governo federal publicou a Lei Federal n.10.639/2003 com a finalidade de pregar a diversidade cultural e racial. Com o passar do tempo, essa lei sofreu alterações, se concretizando com a lei 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígenas em todas as escolas públicas, privadas, do Ensino Fundamental e Médio.

A Lei determina a inclusão e a obrigatoriedade, no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, da matemática, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. O poder da escola é cumprir com os quesitos que a lei aborda, em que "aquilo que está inscrito no currículo não é apenas informação – a organização do conhecimento corporifica formas particulares de agir, sentir, falar, e "ver" o mundo e o "eu". (POPKEWITZ, 1994, p.174).

4. MEMÓRIAS DA BONECA DE PANO

4.1 EMÍLIA E SUAS MEMÓRIAS

A literatura infantil é de suma relevância na vida da criança, visto que apresenta inúmeras vantagens e benefícios para este processo da leitura, assim como: despertar o mundo da imaginação com o foco de estimular o imaginário infantil, construir pensamentos críticos e sociais promovendo debates e problemas da sociedade, aguçando a criatividade com a intenção de embarcar nesse universo da leitura e fantasia que é fundamental que toda criança possa ter para incentivar o hábito de ler com o objetivo de formar pequenos leitores.

A literatura é, sem dúvida, a forma de recreação mais importante na vida da criança: por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual da criança; pela riqueza de motivações, de sugestões e de recursos que oferece. Ouvindo estórias, dizendo um poema, lendo, dramatizando um texto, realizando um jogral ou um coro falado, encenando uma peça de teatro, de todas essas maneiras a criança, desde os 3 anos, está divertindo-se, enriquecendo a sua linguagem e a sua bagagem cultural, ajustando-se ao seu mundo afetivo, através de símbolos (respostas a suas tensões) e liberando seus impulsos. E todas essas modalidades são formas de literatura. (CARVALHO, 1983, p. 176).

É inquestionável saber que José Bento Monteiro Lobato foi um pioneiro da Literatura Infantil Brasileira. Venerável escritor, tradutor, editor e ativista. Criou a Editora Monteiro Lobato e a Companhia Editora Nacional. De acordo com Carvalho (1983):

Ao contrário dos clássicos estrangeiros, ele não recriou seus contos de outros; ele os criou. Embora se utilizasse do rico acervo maravilhoso da Literatura Clássica Infantil de todo o mundo, a inspiração maior e básica de Lobato foi à própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que povoa a sua imaginação... Reencontrou a criança, amealhou toda a riqueza e criatividade de seu mundo maravilhoso e construiu um universo para ela, num cenário natural, enriquecido pelo Folclore de seu povo, aspecto indispensável à obra infantil. (CARVALHO, 1983, p. 133).

Foi um dos primeiros escritores da Literatura Nacional Infantil do país e da América Latina. Deixou sua marca tanto para o público infantil, quanto para o público juvenil e adulto em que moldou a essência de sua produção literária e de seu

pensamento marcado por uma memória afetiva com o intuito de construir um país cosmopolita.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar e agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são seus. (BRASIL, 1998, p.143)

Desde então, Monteiro Lobato foi escrevendo várias obras literárias que são destaques na nossa sociedade contemporânea, direcionado a criança e jovens, como por exemplo: *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao céu*, *O saci*, *Caçadas de Pedrinho*, *História do mundo para as crianças*, *Memórias da Emília*, *Emília no país da gramática* e entre outros clássicos lobateanos que são riquíssimos para a literatura brasileira. De acordo com Bignotto (1999):

A obra para crianças de Monteiro Lobato é considerada um marco na história da literatura infantil brasileira. O valor literário de seus livros para adultos ainda provoca polêmicas, mas a qualidade de suas histórias para crianças é indiscutível – ainda que se discutam as ideias veiculadas nelas. Reproduzir as opiniões da crítica a respeito da obra infantil lobateana seria tarefa longa e talvez desnecessária, em se tratando de livros há tanto tempo considerados canônicos... A quase totalidade dos escritores contemporâneos não tem dúvida em afirmar que Lobato foi a grande leitura de suas infâncias e a maior influência em seus trabalhos. A obra lobateana continua a ser estudada, e a conclusão dos teóricos é que distanciamento crítico só leva à constatação de sua permanência.

O autor trouxe a representação de vários personagens que fazem parte do Sítio do Pica Pau Amarelo, tais como, Narizinho, Visconde, Pedrinho, Tia Nastácia, Dona Benta, Saci, Cuca e a memorável Emília. Esta última, mais conhecida como uma boneca de pano, recheada de macela, bem espevitada que transforma qualquer brincadeira numa grande aventura. Em várias histórias, a pequena boneca troca de vestido, e em alguns casos precisa ser consertada, ou preenchida novamente pela Tia Nastácia, sua criadora. Na obra literária “Reinações de Narizinho”, aborda a história de Lúcia, mais afamada como narizinho em razão de seu nariz arrebitado. Lúcia também ajuda Tia Nastácia e executa a ornamentação da pobre boneca, faz e refaz suas sobancelhas e seus olhos que são de retrós e arrebetam se Emília os arregala demais. Ela é capaz de andar e se movimentar livremente, porém muitas vezes é tratada por Narizinho como uma boneca comum e é “colocada no bolso”

Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem a

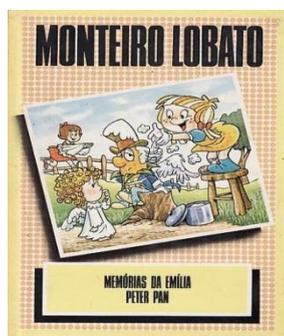
unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica-Pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças (Pedrinho e Narizinho), “outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó. (CUNHA, 1999, p. 24).

Mesmo sendo uma boneca, Emília apresenta certos comportamentos que impune todos os pecados infantis, como: birras, egocentrismo, fase dos porquês, ignorâncias, malcriação, egoísmo, teimosia e “malandragens”. Diz o que pensa, e quando repreendida, ignora, fingindo que não é com ela. Não tem medo, apronta todas e é cheia de vontades.

Para muitos teóricos e estudiosos, a boneca de pano é o próprio alter ego do escritor, que passa uma personalidade alternativa de alguém expressando o seu ‘outro eu’. De acordo com Pedra (2002), “O poder da Emília provém de suas ideias, ou seja, de suas asneiras, pelos outros personagens ou pelo próprio Lobato, numa espécie de autocensura convencional, uma mistura de coragem e ação” (PEDRA, 2002, p.45)

No livro Memórias da Emília Peter Pan (1936), a boneca de pano resolve escrever suas memórias e ordena que Visconde seja seu secretário e escreva seus pensamentos com muitas exigências, já que não sabia como começar, e para ganhar tempo exigiu que Visconde de Sabugosa buscasse materiais absurdos que eram impossíveis de se encontrar no sítio, e até mesmo ordenou que o pobre Visconde relatasse viagens que nunca aconteceram, visto que para Emília “a verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso. Dona Benta calou-se, a refletir naquela definição” (LOBATO, 2007, p. 13)

Figura 1- Representação do livro Memórias da Emília Peter pan de 1936



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1175234959-livro-memorias-da-emilia-peter-pan-lobato-monteiro-_JM

Diante de todas as solicitações feitas pela boneca de pano, começou a escrever seu primeiro capítulo seguindo o conselho do Sábio Visconde, relatando o ano, a cidade e como foi criada.

Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada... Nasci de uma saia velha, de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas, duma cheirosa flor cor de ouro que dar nos campos e serve para estufar travesseiros... Meus olhos, tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinho de venda (LOBATO, 1936, p.11)

Figura 2 – Representação da boneca de pano Emília no seu nascimento



Fonte: <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>

Narizinho levou sua boneca de pano para mais uma aventura ao Rio das Águas Claras, mesmo sabendo que Emília havia nascido muda como um peixe, não a deixava de lado. Quando o célebre Doutor Caramujo, um médico afamado do reino que fica no fundo do ribeirão do sítio Ihe deu uma pílula falante, e a boneca relata em suas memórias quando começou a falar.

- Sei como foi a história. – Disse o visconde. – Você engoliu uma falinha de papagaio. – Está errado! Narizinho teve dó do papagaio. E não deixou que o matasse para tirar a falinha. Fiquei falando como uma pílula que o célebre doutor caramujo me deu. Narizinho conta que a pílula é muito forte de modo que fiquei falando demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram que tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível. (LOBATO, 1936. p.11-12)

No decorrer da obra literário *Memórias de Emília*, Visconde escreve a história

de um anjinho em que a boneca de pano havia trazido da Via Láctea, entretanto, o pequeno anjo estava com a asa quebrada e que infelizmente uma de suas asas se partira no ossinho do encontro, o que impedia de voar. Para ele, descontentamento; para as crianças do sítio só felicidade. O pobre anjo não tinha ideia das coisas que acontecia aqui na Terra, pois sempre viveu no céu, junto com as nuvens e estrelas. Deste modo, a boneca de pano resolve explicar tudo ao anjo, todas as dúvidas e a língua que falam na terra.

Eu penso que todas as calamidades do mundo vêm da língua. Se os homens não falassem, tudo correria muito bem, como entre os animais que não falam. As formigas e as abelhas, por exemplo. Esses bichinhos vivem na maior ordem possível, com suas comidinhas a hora e a tempo... E qual o segredo da felicidade desses animalzinhos? Um só: não falam. No dia em que derem de falar, adeus ordem, adeus paz, adeus mel! A língua é a desgraça dos homens na terra. (LOBATO, 1936, p.18 e 19)

Depois de ter aprendido várias palavras e expressões com a boneca, surge a chegada de muitas crianças que vinha da Inglaterra, acompanhada de seu Rei para o Sítio de Dona Benta, com o intuito de conhecer o anjinho. Enquanto o anjo conhecia as crianças inglesas, sua asa estava sendo renovada e soldada. Os pequenos ficaram impressionados com o anjo, afinal, eles nunca vivenciaram um encontro com um celeste angelical, e aquilo era um fenômeno pra cada um. Com a festa ocorrendo, o anjinho não estava se sentindo muito bem. “As crianças atropelavam demais. Não havia para ele um só momento de sossego. Isso acabou dando-lhe uma ideia: escapar, voltar para o céu” (LOBATO, 1936, p.79)

4.2 TERMOS PEJORATIVOS VOLTADOS A TIA NASTÁCIA

Sabe-se que no Brasil o racismo é bem visto como um conceito incutido e inexistente. Trazendo expressões que carregam conotações racistas que ajudam a perpetuar o conceito racial no Brasil, mesmo que esses vocabulários pareçam inofensivos, podem causar incômodo, estranheza e ofensa.

Vemos vários exemplos de expressões presentes na linguagem brasileira utilizadas a partir da palavra “negro”, que são utilizadas para marcar uma posição inferior deste grupo étnico. Infelizmente, essas expressões são naturalizadas, mas evidenciamos como parte do alicerce do racismo estrutural. São exemplos “denegrir”

que se refere ao tratando de tornar algo escuro, “nasceu com o pé na cozinha” no que diz respeito a execução dos serviços doméstico, “lista negra” no que conceme algo ruim e o “mercado negro” que tem relação ao mercado ilegal.

O escravismo não se tornou apenas um sistema econômico, mas também forjou mentalidades, afetou conceitos, moldou “jeitos” de ser e existir na sociedade por meio dos significados, símbolos e linguagens, subalternizando até hoje, os/as descendentes dos/as escravizados/as. Essa formação econômica, social, cultural e política nunca foi desestruturada, perpetua-se de várias maneiras, retratada pelas persistentes desigualdades sociorraciais e por atitudes naturalizadas do racismo, estruturante da sociedade brasileira, persistente na modernidade e obstáculo à igualdade. (MADEIRA, MEDEIROS, 2018 , p.218)

No livro Memórias da Emília, evidenciamos esse tipo de vocabulário direcionado a Tia Nastácia. Com a balbúrdia das crianças inglesas, o anjo não estava se sentindo bem, todavia, agradeceu as crianças do sítio de maneira imperceptível, especialmente com a Emília que era desconfiada de qualquer situação, sobretudo, de não querer deixar que o anjo fosse embora, e começou a desconfiar que o pequeno queria fugir. Dessa forma, insistiu que Tia Nastácia cortasse suas asas, porém como uma senhora religiosa, não cometeu esse sacrilégio, pois diante de sua crença religiosa, anjos são criaturas celestes como a mesma diz. Quando inesperadamente, o anjo voou e voou. As demais crianças começaram a chorar, menos Emília que enfureceu-se com Tia Nastácia e começou a falar:

- Aquela burrona! Prometeu que cortava a asinha dele e não cortou. Agora, está aí...

Foi correndo à cozinha tomar satisfações.

- Viu o que a senhora fez? Por causa da sua lerdeza, do seu medo, do tal “sacrilégio”, perdemos o nosso anjinho. Voou! Foi-se para sempre...

Nastácia enxugou uma lágrima na ponta do avental.

– Mas eu não tinha coragem de cortar a asinha dele, Emília. Tive medo. Essas criaturinhas do céu são as aves de Deus. Deus podia me castigar...

Castigar, nada! – berrou Emília. – Todas as aves são de Deus e, no entanto, prendemos canários e sabiás nas gaiolas e comemos pombos assados sem que Deus se importe. Pensa que Ele fica prestando atenção nas aves do quintal do céu? Tem mais que fazer, boba. Além disso, anjo é coisa que há lá por cima aos milhões. Um de menos, um de mais, Deus nem percebe. Perdemos o anjinho por sua culpa só. Burrona! Negra beijuda! Deus te

marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo.

Tia Nastácia rompeu em choro alto – tão alto que Dona Benta veio ver o que era. (LOBATO, 1936, p. 81)

Mesmo Emília apresentando seu jeito independente e autoritário com as pessoas, e observamos que a boneca de pano não apresenta nenhum respeito com a sua criadora, e a trata com termos ofensivos e preconceituosos. Notamos que a personagem Nastácia é um exemplo negro que marcou a nossa literatura, com seu jeito simples e sempre disposta a ajudar, tanto que ganhou um livro em sua homenagem *Histórias de Tia Nastácia*.

Emília explicou:

-Esta burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei, Eu vivi insistindo. Hoje mesmo insisti. E ela, com esse beirão todo: “Não tenho coragem... É sacrilégio”... Sacrilégio é esse nariz chato.

- Emília! Repreendeu Dona Benta. – Respeite os mais velhos! Não abuse!

- Bolas! – gritou Emília retirando-se e batendo a porta.

- Como está ficando insolente! – murmurou Dona Benta (LOBATO, 1936, p. 81 e 82)

Diante de tantas expressões que causaram incômodos e desrespeito a Tia Nastácia, Dona Benta repreendeu Emília. Mesmo sabendo que é uma boneca de pano, porém apresenta certos comportamentos inadequados, intolerantes e inadmissíveis como o péssimo hábito de mostrar a língua para sua criadora quando comete alguma malcriação como podemos observar na imagem abaixo.



Figura 2 – <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>

Podemos analisar outro trecho que o livro consta expressões pejorativas voltadas a Tia Nastácia vinda da boneca de pano, Emília. Neste momento, a boneca começa a falar das características dos personagens que fazem parte do Sítio do Pica

Pau Amarela, e dentro desses integrantes, cita a Tia Nastácia.

Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura, para remendar meu pé quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa – para as mil coisas de todos os dias, é uma danada! Eu vivo brigando com ela tenho-lhe dito muitos desaforos- mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos. Só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que a jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não essas diferenças de cor. Se houvesse, como havia de ser preta a jabuticaba, que para mim é a rainha das frutas? (LOBATO, 1936, p.110 e 111)

Percebemos que a obra literária ocorre numa sociedade escravocrata, na qual a Tia Nastácia era vista como uma senhora que prestava serviços ligados a escravidão, já que não era remunerada para isso. Em outra obra lobateana, “Caçadas de Pedrinho”, acomete termos voltado a Nastácia, como ser chamada de ‘macaca de carvão’, pelo fato de se pendurar numa árvore assim que havia avistado uma onça, e outras expressões que o livro apresenta, tais como, “pobre preta”, “negra”.

Segundo Marisa Lajolo (1998), discutir e argumentar sobre o papel do negro na obra de Monteiro Lobato, como a Tia Nastácia, Tio Barnabé e o Saci, além de contribuir para um conhecimento maior deste grande escritor brasileiro que o livro apresenta, serve para conhecer o verdadeiro marco histórico que a época serviu de alibis. Ademais, auxilia na renovação dos olhares que se têm em relação aos delicados laços que envolvem as diferentes relações entre a literatura e política. Os similares binômios que tentam dar conta do que, na página literária, ficam entre seu aquém e seu além. E que nada substitui o prazer e o estímulo à imaginação das obras lobateanas.

5. HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA

5.1 HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA

A turma do Sítio do Pica Pau Amarelo adorava embarcar no mundo da imaginação e viver uma aventura. Sempre surgiam alguns questionamentos e porquês de alguns dos netos de Dona Benta, e cada dúvida que vinha a mente, recorria a sua avó ou o Sabugo de Milho, mais conhecido como Visconde.

Na obra literária *Histórias de Tia Nastácia O Pica - Pau Amarelo* relata contos populares conhecidos pela sociedade, e que são passados de geração para geração. Eis que surge uma dúvida de Pedrinho, pois não sabia o que significava “folclore”, e pediu que Emília perguntasse Dona Benta o verdadeiro significado da palavra.

- Dona Benta disse que *Folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria e, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos – os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, e etc. (LOBATO, 1985, p,7)

Como sua avó era muito sábia e despertava a imaginação das crianças estimulando a criatividade e o pensamento crítico, os questionou do verdadeiro motivo que levou a pergunta, em seguida, Pedrinho e Emília ficaram quietos. O aventureiro Pedrinho trama com a boneca de pano de que Tia Nastácia seria a pessoa ideal para realizar a contação de história pelo fato de ter mais conhecimento e domínio do assunto, porque foi comparada a uma escrava de seu avô.

Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo
. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.
Emília arregalou os olhos.
-Não está má a ideia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.
- As negras velhas – disse Pedrinho- são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda Tia Esméria ?
Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia (LOBATO,1985, p.8)

Tia Nastácia inicia a história, entretanto, complementa de acordo com a sua cultura familiar que é diferente da cultura das crianças. De início, apresenta o conto “O bicho Manjaleú”, que relata a história de um velho muito pobre que tinha três filhas muito bonitas. Num belo dia resolveram comprar suas filhas, mesmo não querendo vender, foi obrigado devido a ameaças. Com o passar dos anos, o velhinho é presenteado com uma quarta criança que havia nascido fora do tempo, e vai em

busca de suas irmãs. Enfrenta vários desafios, e principalmente, precisam vencer o terrível e imortal bicho Manjaléu. Ao final da história, Emília se incomoda e não concorda com a cozinheira, e diz:

Emília torceu o nariz.

-Essas históricas folclóricas são bastantes bobas – disse ela. - Por isso é que não sou “democrática”! Acho o povo muito idiota...

- Nossa Senhora! – exclamou Dona Benta. – Vejam só como anda importante a nossa Emília. Fala que nem um doutor.

- A culpa é sua – disse Emília. – A culpa é de quem nos anda ensinando tantas ciências e artes. Eu, por exemplo, me sinto adiantada demais para a minha idade. Sou uma isca por fora, mas lá dentro já estou filósofa. Meu gosto era encontrar um Sócrates, para uma conversa... (LOBATO, 1985, p. 14)

Tia Nastácia retoma sua contação, e Emília sempre questionando e não concordando com o final das histórias. “As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as contadeiras contam até o que não entendem. Esses versinhos do fim são a maior bobagem que ainda vi. Ah, meu Deus do céu!” (LOBATO, 1985, p.25 e 26)

Ao observar a fala de Dona Benta referente a Nastácia, a senhora faz a comparação do negro não ter cultura, tratando-se de desigualdade de brancos e negros em nossa sociedade.

- Sim – disse Dona Benta. – Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda. (LOBATO, 1985, p. 26)

A personagem Emília no decorrer do livro, continua insultando a pobre Nastácia, com uma alta criticidade em sua fala e desrespeitando sua criadora.

- Pois cá comigo – disse Emília -, só aturo essas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto (LOBATO, 1985, p.26).

5.2 ESTRANHEZA DAS CRIANÇAS

O racismo em nossa sociedade é visto como algo camuflado e velado. Vemos que muitas escolas trabalham com projetos e intervenções para combater qualquer tipo de discriminação, mas sabemos que não é o suficiente. Precisa-se ter o olhar externo e interno da população, com o objetivo de incentivar a nossa sociedade a ter ações antirracistas.

Ao analisar as obras lobateanas, deve-se considerar o contexto histórico da época. A escravidão era presente, voltados com expressões e termos que hoje causariam grande estranheza e desconforto para nossa sociedade. É perceptível que vivemos numa era contemporânea, em que as crianças de hoje ao ler alguma obra de Monteiro Lobato causaria certos desconforto ao modo que Emília trata Tia Nastácia, e até mesmo podem gerar um incômodo social, principalmente para a população negra

Vemos que no dia a dia algumas novelas, séries e filmes estão sendo repetidos na televisão, e que vem trazendo esses falares, mas antes de tudo, iniciam com uma legenda que a obra é retratada de acordo com o ano que ela foi criada e não fizeram a adaptação justamente para mostrar como era e não perder a essência do contexto histórico. Percebe-se também que os os personagens porteiros, funcionários, serviçais, são negros, porém, sabemos que hoje em dia ainda encontramos pessoas que praticam essas expressões trazidas do Brasil colônia para a atualidade. À vista disso, as crianças já percebem e analisam que isso não faz mais parte do seu cotidiano. E compreendem que não é dessa maneira que tratamos as pessoas.

Essas manifestações da cultura onde, no sítio, tudo é permitido faz com que suas obras infantis transformem o sítio acolhendo personagens de tradições diversas. Além disso, o seu livro infantil organiza-se na repetição, de um mesmo grupo de personagens e de um mesmo espaço, o que garante a fidelidade de seus leitores. (LAJOLO, 1985, p.51)

É evidente saber que Monteiro Lobato é um pioneiro da literatura infantil, tanto que seus clássicos se transformaram em séries na televisão brasileira. As obras de Lobato aguça a imaginação da criança leitora entrar no mundo da fantasia. Desse modo, muitas instituições celebram o Dia Nacional do Livro homenageando o escritor brasileiro, com o propósito de estimular os alunos a terem o hábito de ler, de questionar e compreender o que está lendo. E até mesmo trabalhar com as obras lobateanas, pois apresentam conteúdos curriculares.

Assim, as histórias do sítio vão reunindo preocupações didáticas fazendo com

que Lobato se dedique a várias matérias do currículo escolar, como "Aritmética da Emília (1935), Geografia de Dona Benta e História das invenções, entre outros (LAJOLO, 1994, p.97)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório saber que Monteiro Lobato, criador do Sítio do Pica Pau Amarelo não se perdeu no tempo, visto que a obra conquistou diversos espaços, como na televisão brasileira revertida em série, divididas em inúmeros episódios, livros, revistas, e hoje, progrediu como desenho animado.

As obras do escritor Lobato são clássicos que vieram de uma sociedade escravocrata. Com o fato do livro apresentar termos pejorativos voltados a Tia

Nastácia, vindo principalmente da boneca de pano Emília.

Devido ao livro pertencer um contexto histórico, ocasionaria estranheza para as crianças e até mesmo para os adultos que lesem os clássicos lobateanos encontrados nos dias de hoje, pois vivemos numa sociedade em que o racismo é camuflado.

Na atualidade, nossas crianças têm uma percepção maior do que a de antigamente. O que era visto como algo “normal”, hoje em dia não é aceito.

Portanto, precisamos ter um olhar atento e reconhecer que somos praticantes de atos racistas. Perceber que praticamos de maneira involuntária atitudes que estão enraizadas na nossa sociedade e que podem ofender o outro, seja nas palavras e condutas do dia a dia.

Dessa forma, pelo fato do racismo ser visto como algo incógnito, presenciamos que é um assunto que não é discutido em sala de aula, só é discutido quando é colocado em projetos e no dia 20 de novembro para a celebração da Consciência Negra.

E assim, é de suma importância enfatizar essa temática, seja na escola, ou nas ruas. Precisamos falar todos os dias e frisar esse movimento que é um dever de toda a sociedade. Buscando formas de enfrentar a discriminação, a intolerância e o racismo que persiste em nossa sociedade.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural. Coleção Feminismo Plurais**, Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

A primeira ilustração em detalhes de Emília. Voltolino, 1920. Acervo Magno Silveira. Disponível em: < <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>> Acesso em 6 de setembro de 2021.

BIGNOTTO, Cilza. **Monteiro Lobato em Construção**. Campinas: Unicamp, 1999. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobato.pdf> Acesso em 03 de outubro de 2021.

BLAUNER, Robert. (1972), **Racial oppression in America**. Nova York, Harper and Row Publishers

BRASIL, LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. **estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasil:** Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

BRASIL, Plano nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas e para o Ensino da História e Cultural afro- Brasileira e Africana Brasília. DF. Out. 2004. Disponível em <http://www.planalto.inep.gov.br/arquivos>. Acesso em: 26 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Referencial **curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil visão histórico e crítica**. São Paulo: Global Universitária, 1989.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Editora Ática, 1999

CUNHA, S. H. Dos P. **Um retrato fiel da Bahia: sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre do recôncavo açucareiro, 871-1902**. (Tese – Doutorado em Economia). Campinas: Unicamp, 2004.

Emília e seu péssimo hábito de mostrar a língua para Tia Nastácia. Ilustração de Jean Villin de 1929 para o livro *O irmão de Pinocchio*. Acervo Magno Silveira. Disponível em < <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>> Acesso em: 7 de setembro.

E o que tinha o Jeca tatu?

Disponível em: <<https://corujabiologa.wordpress.com/2017/01/24/e-o-que-tinha-o-jeca-tatu/>> Acesso em: 27 de agosto de 2021

GONÇALVES, L. A & SILVA, P.B.G.E, (1998). **O jogo das diferenças: o**

multiculturalismo e seu contexto. Belo Horizonte: Autêntica.

GUIMARÃES, A. S. A Modernidade negra. In: **Teoria e Pesquisa**, n.42; 43 jan/jul. 2003. Departamento de Ciências Sociais. CECH; Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato.** Unicamp/iel, 1998. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf> Acesso em 23 de setembro de 2021

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1994

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

Lajolo, Marisa Lobato, um **Dom Quixote no caminho da leitura in Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Editora Ática.

Livro Memórias Da Emilia / Peter Pan Lobato, Monteiro
Disponível em: < https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1175234959-livro-memorias-da-emilia-peter-pan-lobato-monteiro-_JM> Acesso em: 16 de setembro de 2021

LOBATO, M. **As Memórias de Emília.** São Paulo: Globo, 2007.

LOBATO, Monteiro. **História de Tia Nastácia: O Pica Pau Amarelo.** São Paulo: Brasil, Círculo do livro, 1985.

MADEIRA, M. Z. de A.; MEDEIROS, R. B. de. **Racismo estrutural e desafios dos movimentos sociais negros na contemporaneidade.** In: Dimensões da crise brasileira: dependência, trabalho e fundo público / [org.] Epitácio Macário... [et al.]. – 1. Ed. – Fortaleza: EdUECE; Bauru: Canal 6, 2018.

MARTINELLI, Maria Lúcia, **Serviço Social Identidade e alienação.** São Paulo: Cortez, 2011.

Navios Negreiros

Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/www.todamateria.com.br/navios-negreiros/amp/>> Acesso em: 27 de agosto de 2021.

NÓBREGA, Antônio; FREIRE, Wilson. **Povos Indígenas:** Rev. Construir Notícias., Recife, Nº 42. Ano 07, set/out. 2008.

PEDRA, Sílvia N, **Os filhos de Monteiro Lobato: o discurso do outro,** 2002. Monografia.

POPKEWITZ, Thomas S. **História do currículo, regulação social e poder.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília: Peter Pan.** São Paulo: Brasil, Círculo do livro, 1936.

SAILLANT, Francine. **O Navio Negreiro: Refiguração identitária e escravidão no Brasil.** Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/j/tem/a/kMWqs5WyMHLMtRFLpdkL4Wn/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 25 de outubro de 2021.

SETUBAL, Maria. Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/www1.folha.uol.com.br/amp/opiniaao/2021/07/nao-basta-nao-ser-racista-e-preciso-ser-antirracista.shtml>> 07 de setembro de 2021

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

